

CAROLINE BAHNIUK

**“EDUCAÇÃO FÍSICA/CULTURA CORPORAL INSERIDA NAS ESCOLAS
ATRELADAS AO MST: LIMITES E POSSIBILIDADES”.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Turma “T”, Profº Iverson Ladwig.

Orientadora: Natacha Eugênia Janata

DEDICATÓRIA

À todos excluídos pela ganância do capital.

À todos companheiros(as) que lutam no seu dia a dia a favor da construção de uma sociedade sem explorados.

**É preciso sonhar com a condição de
crer em nosso sonho, de observar com
atenção a vida real de confrontar a
observação com o nosso sonho, de realizar
escrupulosamente nossas fantasias.
Sonhos, acredite neles! (Lênin)**

AGRADECIMENTOS

... Aos meus pais pelo apoio, incentivo, confiança, compreensão, enfim pelas pessoas maravilhosas que são.

... Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mas especialmente as educadoras da Escola Margarida Alves, pelo aprendizado, dedicação e principalmente pelo exemplo de luta.

... A Natacha, pela orientação, compreensão, conselhos, críticas, amizade. Pela sua disposição e dedicação não só com meu trabalho mas comigo.

... A todos os participantes do Projeto Educação e Movimentos Sociais: uma intervenção da Educação Física: Astrid, Bruno, Cassandra, Fabiano, Felipe, Hellen, Herrmann, Julio, Kátia, Melina, Michaela, Robinson, Rodrigo, Izabel, Juliana e Lausane. Pela experiência, vivência, amizade. Este trabalho sintetiza muitas das lições que aprendi com vocês.

... A Carmen que além dos conteúdos filosóficos e sociológicos, nos dá um exemplo de como é possível construir relações humanas pautadas na verdadeira amizade, respeito, cuidado.

... A todos companheiros e companheiras do Movimento Estudantil, pelas discussões, amizades, aprendizado. A luta continua!!

... Aos meus amigos(as) especiais que me acompanharam durante os momentos importantes da minha vida , vocês foram, são, continuaram sendo especiais.

SUMÁRIO

RESUMO	VII
1.0 INTRODUÇÃO	1
2.0 O PROJETO EDUCACIONAL DO MST	09
2.1- PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DO MST: FOCALIZANDO A ESCOLA.....	11
2.2-UMA HISTÓRIA DE LUTA: O ASSENTAMENTO JOSÉ DIAS	18
3.0 A EDUCAÇÃO FÍSICA INSERIDA NESTE CONTEXTO	26
3.1- METODOLOGIA CRÍTICO-SUPERADORA: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO MST.	26
3.2– ANALISANDO AS FONTES.....	29
3.3- Discutindo a Educação Física como disciplina curricular na realidade observada	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

RESUMO

Esta monografia se propõe a estudar: Como ocorre a inserção da Educação Física/ Cultura Corporal na proposta educacional do MST, mais especificamente na organização escolar das escolas atreladas a este Movimento Social? As estratégias metodológicas utilizadas foram análise documental e a observação participante junto a Escola Margarida Alves localizada no Assentamento José Dias em Inácio Martins-PR. Estruturamos esta monografia percorrendo o seguinte caminho: apresentamos a proposta de Educação do MST, focalizando a escola, posteriormente relatamos a História do Assentamento José Dias concomitantemente a da escola Margarida Alves, buscando fazer relações entre as práticas observadas nesta escola e a Proposta de Educação do MST. Depois partimos para a discussão específica da Educação Física sendo que primeiramente colocamos algumas possibilidades da intervenção da Educação Física no MST, a partir da Metodologia Crítico Superadora, a qual tange seu projeto histórico a partir da defesa da classe trabalhadora. Neste sentido, analisamos os documentos do MST buscando referências a respeito Educação Física/Cultura Corporal, fazendo relações com a realidade observada. Bem como pontuamos a discussão sobre a Educação Física enquanto disciplina curricular, na referida escola, apontando as limitações e possibilidades da aproximação desta, com os princípios norteadores da Proposta de Educação do MST, e com o projeto da escola. E esperamos, dentro dos nossos limites, contribuir para o MST e também para a produção a cerca da temática.

1.0 INTRODUÇÃO

Atualmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra(MST) tem grande atuação na sociedade brasileira sendo que a grande maioria das pessoas o identifica devido a sua constante presença na mídia.

Sua organização foi gestada no final da década 70, em plena Ditadura Militar, na qual os trabalhadores do campo denunciavam a situação em que se encontram: desemprego, migração dos camponeses para a cidade e fome, colocando em pauta o debate sobre a questão agrária. Desde esta época ele vem se expandindo, e em 1984 se torna efetivo e atuante enquanto organização coletiva dos trabalhadores para concretização da Reforma Agrária, e da construção de uma nova sociedade: sem explorados, calcada nos valores socialistas e humanistas.

No entanto, o MST avança quando coloca como uma de suas prioridades a preocupação com a Educação. Esta para o movimento é essencial, fundamentada em princípios críticos sendo uma importante arma de enfrentamento por seus objetivos centrais: a luta pela implantação da reforma agrária e por mudanças sociais no país, buscando assim, fazer um paralelo entre a escola e outros espaços fora dela. A preocupação com a Educação surge desde o momento da ocupação. Segundo MORISSAWA (2001, pág 239) “ O barraco da escola, chamado de **itinerante**¹ é construído antes do barraco de moradia e tem a função de centro de encontros”.

O Setor de Educação do MST entende que a luta pela reforma agrária é mais ampla do que a luta pela terra. Sendo assim, a educação é vista como um processo do qual participam as crianças, mulheres, a juventude, os idosos, que buscam construir novas relações de consciência incluindo a participação nas marchas, assembléias, cursos, caminhadas, ocupações, entre outros espaços do movimento. A Educação compreende “o ato de ler e escrever a realidade da vida” (www.mst.org.br).

A concepção de educação defendida pelo MST confronta com a visão de educação “propagada” pelo sistema capitalista² que defende valores individualistas, imediatistas, que gerem “resultados produtivos” e conseqüentemente mantenha o

¹ Grifo do autor.

² Quando colocamos sistema capitalista entender ele também resultado das relações humanas, e não como uma “entidade” algo a parte das pessoas.

sistema. Nesse contexto, a escola serve para perpetuar esses valores e formar pessoas capazes de se adaptar (o termo mais atual seria flexibilizar) as condições apresentadas pelo sistema em questão, principalmente ao que se refere aos modos de produção.

Atualmente, como orientação da nova LDB(9394/96) cada escola tem a função de construir seu próprio projeto político pedagógico que delinea a orientação que a mesma irá seguir. Este projeto, entendido em uma visão mais abrangente e crítica, deve perceber a interação entre todos os saberes escolares. Dentro dessa perspectiva, a Educação Física vista como uma disciplina pedagógica que tem como conteúdo a cultura corporal, está inserida no projeto político pedagógico da escola, portanto deve participar de sua construção, elaboração. Partindo desse entendimento será que a Educação Física poderia estar contribuindo para a formação humana e estabelecendo relações concretas com a proposta de Educação do MST?

Mas como surge o nosso interesse pela temática Educação Física e Movimentos Sociais? A partir da participação em espaços acadêmicos que privilegiavam a formação humana, os quais extrapolavam o espaço formal da sala de aula. Nestes a posição política não é algo a parte do acadêmico mas se manifesta dele e vice-versa. Percebemos que estes espaços no currículo das Universidades, na maioria das vezes, são minimizados, ou mesmo não existem, porque estes não produzem um resultado possível de ser quantificado, parâmetro utilizado prioritariamente para avaliar a pertinência ou não de tal conteúdo a ser trabalhado no âmbito universitário.

Referente a participação nesses espaços de formação humana optamos aqui por citar dois: a militância no *Movimento Estudantil* e a participação no projeto vinculado ao Programa Licenciatura da Universidade Federal do Paraná(UFPR) e intitulado: *Educação e Movimentos Sociais: uma intervenção da Educação Física*, por estes terem relação direta com o estudo e também por estarem presente em grande parte da minha vida acadêmica.³

³ A militância no Movimento Estudantil ocorreu no período de 2001 a 2004, participando nesse tempo de algumas instâncias: Centro Acadêmico de Educação Física (CAEF-UFPR, gestões 2001 e 2003), Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (2001-2004). A participação no referido Projeto aconteceu nos anos de 2002 e 2003.

O Movimento Estudantil possibilitou um olhar crítico frente a realidade vislumbrando a transformação da sociedade. Esta experiência fez com que me interessasse em participar do projeto com os Movimentos Sociais na Educação Física o qual constrói suas intervenções tendo como norte a superação da realidade atual. Assim, esses espaços trouxeram reflexões importantes sobre o compromisso social da Educação Física e uma maior sensibilidade, comprometimento e intervenção frente as questões sociais.

Portanto, entendendo legítima as lutas dos movimentos sociais e considerando o MST um movimento social com expressão na sociedade brasileira, sentiu-se a necessidade de intervir/aprender com esse grupo de trabalhadores. Neste sentido o referido projeto que nos possibilitou esta experiência, fez sua escolha pelo MST “por dois motivos, primeiro por ser este uma forma de luta que busca a construção de uma outra sociedade, e segundo por ter um Setor de Educação organizado que busca romper com o modelo de escola tradicional” (AVILA, et al, 2003,pág 3). A partir desta aproximação com o Movimento nasce o interesse de pesquisar e contribuir com esta realidade. Assim, surge a seguinte problemática da nossa pesquisa: **Como ocorre a inserção da Educação Física/Cultura Corporal na proposta de Educação do MST, mais especificamente na organização escolar das escolas atreladas a este Movimento Social?**

Para tal, objetivamos analisar os documentos produzidos pelo Movimento, relacionados com a Educação, Cultura bem com materiais da Escola Municipal Margarida Alves e do Assentamento José Dias, localizada no município de Inácio Martins- Pr, procurando referências da Educação Física/Cultura Corporal, e contrastando com a realidade observada. Pretendendo-se assim, apontar algumas contradições da inserção da Educação Física no MST, bem como possibilidades de superação da mesma.

Na área da Educação Física alguns estudos vem sendo realizados a respeito da temática dos Movimentos Sociais. O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte possui desde o ano de 1.999⁴ um GTT(Grupo de Trabalho Temático) denominado “Movimentos Sociais”, o qual compreende pesquisadores voltados a essa temática, sendo que o MST é um dos temas de estudo discutidos neste espaço.

⁴ No ano de 1997 existia um espaço que discutia os Grupos Sociais (Terceira idade, mulheres, indígenas, etc), e neste foram apresentados três trabalhos referentes ao MST.

Particularmente, nosso estudo se aproxima metodologicamente do trabalho de CASAGRANDE (2001) “ *Processo de Trabalho Pedagógico no MST: contradições e superações no campo da cultura corporal*”. Entretanto este foi desenvolvido em outra realidade: em um assentamento localizado no estado de Pernambuco.

Discorrendo sobre a relação da Educação Física e o MST, LAZZAROTTI RODRIGUES (2003,pág 1) dizem que:

“ Há aproximadamente 10 anos a Educação Física iniciou uma relação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra(MST). De lá para cá, foram desenvolvidos trabalhos em conjunto e, nos encontros e desencontros, esta relação se concretizou. Num primeiro momento, pouco se sabia o que fazer, principalmente da educação Física. Já num segundo momento, tentou-se experiências desenvolveu-se projetos de pesquisa, extensões e intervenções pontuais as quais a sua maioria, encontram-se publicadas em anais de congresso científicos, em revistas da área, em cadernos do movimento estudantil da Educação Física, etc.”

Atualmente, existem alguns projetos, articulados a Universidade, os quais desenvolvem um trabalho relacionando a Educação Física e os Movimentos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e tem uma atuação no contexto de um assentamento ou acampamento. Neste momento podemos citar dois que conhecemos: Atividade curricular interdisciplinar em áreas de reforma agrária, ligada ao programa ACC- Atividade Curricular em Comunidade da Universidade Federal da Bahia(UFBA) que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2000, a Disciplina de Prática de Ensino na Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), esta iniciativa ocorre desde o ano de 1997 e os alunos (as) podem optar em realizar sua prática de ensino (que é obrigatória) em escolas,localizadas, no Assentamentos do MST no município de Fraiburgo/SC. Além de outros projetos que desconhecemos, há ainda vários projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses sobre este assunto.

A partir da leitura de outras pesquisas, percebemos que a Educação Física em grande parte dos assentamentos não se concretiza com uma proposta crítico-reflexiva vinculada aos princípios da educação do MST. Até porque a Educação Física historicamente foi entendida como sinônimo de exercício físico e as discussões que vão além desse conceito são algo relativamente novo para área. Dessa forma, o presente estudo se justifica na tentativa de somar para construção dessa superação,contribuindo para o MST e também com a produção a cerca dessa temática na Educação Física.

Nesse sentido, nosso trabalho busca, dentro das limitações, auxiliar no preenchimento da lacuna da inserção da Educação Física na educação do MST. Superando a pesquisa diagnóstica e procurando um caráter propositivo. Vale

ressaltar aqui, que não acreditamos, que a construção desta proposta, ocorra de maneira unilateral, onde os “doutos” da Universidade despejam o conhecimento para a comunidade. Entendemos sim, que essa construção ocorre de maneira dialética, com a participação de todos os sujeitos. Assim, o que vislumbramos neste estudo é apontar algumas proposições que possam contribuir no debate a respeito da temática.

Toda pesquisa para concretizar-se precisa percorrer um caminho, ter definida sua metodologia, o como fazer para “responder” as problematizações levantadas pelos sujeitos envolvidos. O método não pode ser definido de maneira simplória, como sendo um agrupamento de técnicas/instrumentos capazes de confirmar ou refutar uma hipótese levantada anteriormente. Ele está calcado em uma reflexão filosófica trazendo consigo uma visão de mundo.

Essa pesquisa propõe-se ainda que dentro de muitas limitações, por se tratar de uma monografia de conclusão de curso, aproximar-se do paradigma epistemológico que supere as fragmentações do referencial positivista e compreenda a totalidade do conhecimento, propondo não apenas a interpretação do real mas apontar as contradições presentes no contexto, visando superá-las. Dentro dessa compreensão, a opção metodológica que não admite neutralidade, trazendo consigo uma visão clara de mundo, tendo como meta a transformação social é o materialismo-histórico dialético. ESCOBAR (2002, pág 1) falando sobre essa questão:

“Afirma-se que a visão materialista histórico-dialética é uma visão crítica, porque analisa os problemas, educacionais ou de outro tipo, rigorosamente, a partir da realidade no contexto das relações sociais próprias do modo de produção capitalista, todavia na investigação desses problemas reconhece a incidência do aspecto ideológico e filosófico em todo o processo investigativo, em seu conjunto e, portanto, nas etapas empíricas de coleta, de processo e análise dos dados.”

Para percorrer nosso caminho as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa foram:

a) Análise Documental:

Compreende a análise de documentos, no caso específico da educação do MST e da Escola Municipal Margarida Alves e do Assentamento José Dias visando refletir como a Educação Física se faz presente mesmos. Estes documentos serviram de base para buscarmos apontar algumas contradições e possibilidades de supera-las no que tange a Educação Física no contexto dos Trabalhadores Rurais

Sem Terra. Discorrendo sobre a pesquisa documental e sua aproximação com a pesquisa bibliográfica, GIL⁵ apud SOUZA JUNIOR (1999, pág 27) diz que: “nem sempre fica clara a distinção entre pesquisa bibliográfica e documental, já que a rigor, as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos impressos para determinado público” SOUZA JUNIOR(idem) segue dizendo que: “ além disso o desenvolvimento da pesquisa documental segue passos semelhantes à pesquisa bibliográfica, sendo a principal diferença a caracterização do tipo de fonte. Enquanto na bibliográfica as fontes são constituídas de material impresso localizado em bibliotecas, na documental essas fontes são mais dispersas”

Dividimos os documentos em dois grupos: os construídos pelo Setor de educação do MST, principalmente os Cadernos de Educação do Movimento e o segundo grupo referente ao Assentamento José Dias. No segundo grupo serão analisados três documentos: Celebração da Vida (documento do assentamento produzido para festa de comemoração de 15 anos do mesmo); História da escola e do assentamento (como está fonte não possui referência, optamos em intitulado); Projeto de pesquisa- Escola Rural Municipal Margarida Alves(CHAGAS; BERTÉ; SANTOS, 1999).⁶

b) Trabalho de campo:Observação Participante

Além da pesquisa documental/bibliográfica, optamos por ir a campo, fundamentados na Observação Participante. Essa escolha foi importante, no sentido que este instrumento, possibilita-nos chegar mais próximo do real e relatar contribuições dos sujeitos envolvidos .

Nessa perspectiva, o pesquisador(a) interage com a situação estudada, em uma relação dialética. Para colaborar com a discussão MINAYO (1996, pág 134) diz que: “A observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam não apenas como uma estratégia no conjunto da investigação, mas como um método em si mesmo, para compreensão da realidade.”

O sentido que a autora coloca nos aponta a importância da observação participante. Esta ocorre na interação entre sujeitos (pesquisador e pesquisado), buscando superar a relação estática: sujeito(pesquisador) e objeto(pesquisados)

⁵ GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

⁶ Este documento foi produzido por uma das professoras da escola e correspondia a um trabalho do Curso de Magistério.

percebendo o movimento dos sujeitos⁷ que não são meros espectadores mas que contribuem, interferem na pesquisa.

Para conseguir olhar para a realidade a partir da pesquisa participante, podemos nos remeter as contribuições de WEFFORT (1996, pág 10) que coloca a importância de saber ouvir e escutar o que o contexto pesquisado nos traz de maneira fidedigna. Complementa falando que é importante superar o nosso “olhar cristalizados nos esteriótipos”. Para tal se faz necessário “romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante” .

No entanto, devemos tomar cuidado para não olhar aquilo que queremos ver, ou que nossa pesquisa precisa comprovar. O exercício de observar segundo GUSMÃO (2001: Pág75) “... requer preparo teórico, olhar treinado, que não apenas descreve o que vê, mas compreende as mediações entre objetos singulares e a realidade na qual aqueles estão inseridos”.

Tendo em vista que a nossa aproximação com MST ocorreu a partir do projeto: *Educação e Movimentos Sociais: uma intervenção da Educação Física*, optamos por incluir essa experiência significativa, uma vez que esta possibilitou conhecer a realidade de uma escola do campo, atrelada ao MST- Escola Margarida Alves, aprofundando assim nossas reflexões sobre a temática, bem como o aparecimento de questionamentos referente a esse contexto.

A partir de 2002 o projeto muda seu foco de atuação e realiza suas intervenções junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mais precisamente no Assentamento José Dias em Inácio Martins-PR.⁸

Neste período de tempo foram realizadas quatro idas ao assentamento José Dias sendo que duas ocorreram no ano de 2002 e compreendem o estágio de observação e intervenção do projeto. Em 2003 mais duas idas referentes aos mesmos estágios. No entanto, as informações para essa pesquisa foram coletadas, principalmente, durante o ano de 2003⁹, quando tínhamos delimitado mais

⁷ Os sujeitos são históricos que podem intervir e transformar a realidade social.

⁸ Os coordenadores do Projeto são os professores(a): Astrid, Herrmann e Julio. Acadêmicos participantes: Bruno, Cassandra, Caroline, Fabiano, Felipe, Francis, Hellen, Kátia, Melina, Michaela, Robinson, Rodrigo, Izabel, Juliana e Lausane.

⁹ O estágio de observação foi realizado nos dias 2 e 3 de setembro e o de intervenção ocorreu no período de 02 a 07 de novembro deste ano.

claramente nossa intenção de pesquisa e pudemos estruturar com mais rigor científico os instrumentos.

Para este estudo estruturamos um Roteiro de Observação que privilegiavam os seguintes tópicos: Como é tratado o conhecimento da Educação Física na escola, (organização, tempo, materiais); qual é o entendimento das professoras sobre esta área, como é a recepção ao conteúdo desenvolvido nos espaços de formação continuada, observação como da Cultura/ Cultura Corporal (trato com a cultura, mística, tempo de esporte e lazer) trabalhada na escola. Contou-se também com a elaboração de um Diário de Campo e enfim, de entrevistas com as professoras (principalmente para fundamentar a história do assentamento). As etapas do referido projeto que possibilitaram esta pesquisa compõem-se de:

- 1) **Estágio de observação:** busca fazer um diagnóstico da realidade em que estamos nos inserindo, conhecer a escola, reunir com a Equipe de Educação e “garimpar” elementos para possibilitar a construção dos planos de aula que foram aplicados na intervenção. No ano de 2003 foi realizado no período de dois dias.
- 2) **Estágio de Intervenção:** neste momento, fomos para escola e ministramos aulas de Educação Física para as crianças.

a) **Formação Continuada**

Diagnóstico da Educação Física (discussão das concepções da Educação Física e seu histórico); Oficinas teórico-práticas, com as seguintes temáticas: Capoeira e Futebol; Discussão de Textos.: Sobre Capoeira e Planejamento além do livro: *Metodologia do ensino da Educação Física*.

b) **Aulas de Educação Física:** que foram ministradas pelos acadêmicos(as) professor e professora integrantes do referido projeto junto as crianças de 1° a 4° série da Escola Margarida Alves. Os conteúdos trabalhados foram: Expressão Corporal, Ginástica Geral, Jogos Cooperativos (Pré); Dança e Ginástica Olímpica(1° série); Capoeira e Malabares (2° série); Jogos de Imaginação , Capoeira e Malabares(3° série), Futebol e Malabares(4° série), além de um Grande Jogo (de imaginação) com todas as turmas juntas.

2.0 O PROJETO EDUCACIONAL DO MST

2.1- Proposta de Educação do MST: focalizando a escola.

“Quando o Movimento Sem Terra opta por priorizar a educação, ele assume uma grandeza que nem um outro Movimento Social no Brasil teve, porque toca simultaneamente em dois problemas fundamentais que a sociedade brasileira tem , que é o monopólio da terra e o monopólio do saber. Por isso, o Movimento Sem Terá produz pessoas livres” (Pedro Terra- DF,MST, 1999c)

Como já abordamos anteriormente, o MST tem como uma de sua prioridade a preocupação com a Educação, pois entende que para alcançar a cidadania plena, a luta pela terra não basta. Para isso é necessário, além de romper com a cerca do latifúndio, romper outras cercas, dentre elas a cerca da ignorância, possibilitando aos Sem Terra fazer uma leitura crítica da realidade, sendo a Educação instrumento essencial para essas demandas. Além disso não se pode esquecer que esta é um direito a ser conquistado.

Segundo CASAGRANDE (2001, pág119) “A Educação, para o MST, é entendida enquanto um dos processos de formação da pessoa humana que está sempre ligada com um determinado projeto político pedagógico e concepção de mundo” Acrescenta dizendo que:

“Neste sentido ao reivindicar, a sua própria pedagogia, destaca que esta se caracteriza pelo modo através do qual o Movimento vem historicamente formando o sujeito social de nome Sem Terra, e educando as pessoas que fazem parte dele, no dia a dia de sua organização. O princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio Movimento, onde o olhar para este processo pedagógico ajuda a compreender e fazer avançar nas experiências de educação e de escola vinculadas ao MST”. (CASAGRANDE, idem).

A partir do trecho acima podemos perceber que quando a autora coloca que o princípio educativo é o próprio movimento, entende-se que a educação extrapola a salas de aula e as paredes da escola. Esta é vista como um processo amplo que compreende a escola, a casa, a dinâmica do Movimento: assembléias, marchas, cursos, ocupações.

Um dos exemplos disso é que, na ocupação a construção dos barracos vem juntamente com a construção do espaço para a escola, tamanha é a importância da Educação para o Movimento.

Pode-se perceber que a história do MST e da Educação no Movimento se confundem, estão entrelaçadas, uma vez que a preocupação com a Educação se coloca sempre presente nos debates do movimento.

A história da Educação no MST divide-se em quatro momentos, que são: (CALDART: 1997)

1)1979-1984: momento em que ocorre o resgate da luta pela Reforma Agrária, primeiras ocupações em diversos estados, fundação do MST em janeiro de 1984, no qual aparece a preocupação com a Educação. Essa, por sua vez, parte da realidade concreta dos acampamentos onde as crianças estão presentes e não estão inseridas em uma escola. Em 1983 é fundada a primeira escola do MST em Nova Redonda no Rio Grande do Sul.

2)1985/1988/9: Início da articulação nacional e da Criação do Setor de Educação.

3)1989/1994: período de severas repressões da luta no Campo (Período Collor), no entanto avanço organizativo e de elaboração pedagógica.

4)1995- atualmente: o movimento almeja se expandir, e uma das estratégias é buscar aliados. Consolidação das novas frentes de trabalho e de novas formas de organicidade e de relações externas. Defesa à escolarização, desde a creche até a Universidade.

Atualmente o MST se organiza por meio de Setores: Produção, Cooperação e Meio Ambiente; Direitos Humanos, Educação, Gênero, Saúde e Cultura. O Setor de Educação vem se organizando através de um Coletivo Nacional de Educação e de Regionais (presentes nos 23 estados do Brasil onde o MST atua) além de “coletivos locais” localizados em todos os assentamentos, com o intuito de discutir questões mais específicas da Educação que venham a surgir no assentamento e/ou acampamentos em que estão inseridos além de que encaminhar propostas, sugestões a serem discutidos nos coletivos: nacional e regionais. (www.mst.org.br)

O Setor de Educação do MST estrutura-se em frentes de trabalho que são: Frente de Educação Infantil/Ciranda Infantil a qual compreende desde o cuidado com a gestante até as crianças completarem seis anos; Frente de 1º grau (1º a 4º série e 5º a 8º série); Frente de Educação de jovens e adultos com o objetivo de romper com a ignorância proporcionando aos (as) trabalhadores(ras) rurais acesso a educação que historicamente vem sendo negada; Frente de Formação de Formadores: que busca acompanhar os Sem Terra no 2º e 3º graus, além de que proporcionar cursos

de formação continuada para professores(ras) das escolas dos assentamentos objetivando a eles(as) refletir sua prática, aprender e participar efetivamente da construção da proposta pedagógica do Movimento. (www.mst.org.br)

A proposta educacional do MST se constrói a partir de duas balizas: a luta pelo direito à educação e a construção de uma nova pedagogia. Esta se fundamenta em princípios que são eixos norteadores que baseiam o trabalho de Educação do Movimento. Eles são divididos em: princípios filosóficos e pedagógicos. O primeiro compreende a concepção política, a visão de sociedade que refletem e norteiam a educação. Com base no Caderno do MST, com o título "*Princípios da educação no MST*"(1999 a) temos que, são eles:

1) Educação para a transformação social: tem como norte político a transformação dos valores presentes na sociedade capitalista, vislumbrando a construção de uma outra organização social pautada em valores socialistas, humanistas. Dentro desta, temos a subdivisão em:

a. Educação de classe: buscar compreender que esta sociedade é dividida em classes determinada pelo acesso aos meios de produção, existindo assim a classe dominante e a classe dos dominados, através desta reflexão buscar construir a identidade da classe trabalhadora.

b. Educação massiva: a educação é um direito e todas as pessoas devem ter acesso a esse bem.

c. Educação organicamente vinculada ao movimento social: a educação não acontece somente no espaço formal da escola mas ocorre através da participação das instâncias do movimento.

d. Educação para a ação: A educação busca "formar" sujeitos históricos que além de interpretar e identificar os problemas da sociedade, do assentamento, possa efetivamente agir/intervir sobre eles.

e. Educação aberta para o mundo, para o novo: que vise construir novas relações sociais.

2) Educação para o trabalho e cooperação: a escola não pode desconsiderar a luta pela Reforma Agrária e os desafios que o Movimento coloca para a implementação de novas relações de produção no campo e na cidade, construção de alternativas que busquem a organização coletiva e cooperativa do trabalho, rompendo com a cultura do individualismo.

3) Educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana: educação omnilateral que integra as diversas esferas da vida humana, compreendendo as pessoas na sua totalidade.

4) Educação com/para valores humanistas e socialistas: educação que aflore o sentimento de indignação de companheirismo, a solidariedade, busca da igualdade respeitando as diferenças culturais, direção coletiva, disciplina, e da capacidade de sonhar.

5) Educação como processo permanente de formação e transformação humana. a educação ocorre durante toda a vida e nos espaços onde as pessoas convivem, porque no processo as pessoas mudam, educam-se e são educadas.

Além desses, tem-se os princípios pedagógicos que compreendem as questões mais específicas da Educação, ou seja, como trabalhar os princípios filosóficos nas questões do cotidiano tanto escolar quanto em outros espaços educativos. São eles, segundo: MST, 1999 a.

1) Relação permanente entre a prática e a teoria: significa partir da prática social dos alunos, do contexto que estão inseridos, sua realidade e fazer as relações do que está “no livro” com o que acontece na escola, na casa, no assentamento.

2) Combinação metodológica entre processos de ensino e capacitação: combinar estes dois processos de maneira a articula-los no processo de aprendizagem.

3) A realidade como base da produção do conhecimento: o ponto de partida e chegada é a realidade, o mundo. Por isso, utilizam-se dos temas geradores, isto é questões retiradas da realidade que “integram” os saberes escolares em uma discussão.

4) Conteúdos formativos socialmente úteis: perceber que a sociedade já sistematizou uma gama muito grande de conteúdos e que a escola não dá conta de ensinar todos, neste sentido é necessário fazer uma seleção dos mesmos. Esta atitude não é neutra e a escolha se dá a partir de interesses de classe, no caso do movimento se propõem a selecionar conteúdos relevantes para a classe trabalhadora.

5) Educação para o trabalho e pelo trabalho: o trabalho que identifica uma classe que humaniza ou desumaniza, que liberta, que aprisiona.

a. Educação ligada ao mundo do trabalho: trabalho produto de riquezas, no entanto, é permeado de contradições: como por exemplo, as relações de exploração

e dominação, a fragmentação do trabalho intelectual e manual. Neste sentido essas contradições devem ser questionadas vislumbrando sua superação.

b. Trabalho como método pedagógico: através do trabalho se aprende, constroem-se novas relações sociais: cooperação e democracia

6) Vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos: existem dois projetos políticos, o hegemônico; que visa a manutenção do *status quo* e outro que vislumbra a transformação social. Nesse sentido não existe neutralidade, ou a prática educativa objetiva um ou outro. O projeto do Movimento, que propõe a transformação, busca alimentar a indignação, sensibilidade, desenvolver atividades e estudar conteúdos intencionalmente voltados à formação político-ideológica, estimular a participação junto as lutas dos trabalhadores, incentivar que os estudantes se organizem e que sejam militantes.

7) Vínculo orgânico entre processos educativos e processos produtivos: a produção, a distribuição de bens e serviços está diretamente relacionada ao meio de produção que estamos inseridos. Entender as regras de funcionamento do mercado e como os fatores econômicos influenciam no meio social é fundamental para os educandos/as terem a possibilidade de construir novos tipos de relação voltados a produção, por exemplo, as cooperativas

8) Vínculo orgânico entre educação e cultura: refere-se ao papel da Educação na construção da identidade cultural, não apenas a partir da cultura popular mas realizar a cultura da mudança. Neste caso, significa construir, reforçar o “SER” Sem-Terra que significa muito mais do que ser desprovido da terra, mas sim um sujeito histórico que participa do MST, de sua luta, de seu projeto e que vive isso no seu cotidiano.

9) Gestão Democrática: participação coletiva educandos(as) educadoras(res), comunidade/assentamento e outras escolas do MST participam das decisões e constroem ações de maneira conjunta.

10) Auto – organização dos/das estudantes: os estudantes devem se entender enquanto agentes do processo que participam, constroem, intervêm questionam as situações presentes na escola de maneira organizada, proporcionando que desde crianças, os educandos vivenciem uma outra forma de se organizar e de construir ações.

11) Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores/ das educadoras: a escola é parte integrante do assentamento, as

decisões referentes a ela são discutidas com o núcleo de educação que extrapola as pessoas que trabalham na escola, no coletivo das professoras(res). Estes também são espaços de formação, nos quais questionam o trabalho desenvolvido na escola, na sala de aula, enfim nos espaços de formação, devem ser questionados, avaliados pelo coletivo. “Quem educa precisa se educar continuamente” (www.mst.org.br)

12) Atitude e habilidades de pesquisa: proporcionar espaços em que os educandos vivenciem e investigem a realidade, que “detectem” problemas no assentamento e busquem através da sistematização do conhecimento, refletir com mais profundidade o problema, tentando encontrar soluções para o mesmo.

13) Combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais: o processo educativo ocorre em cada pessoa mas isso depende das relações que ela estabelece com as demais. Assim, o movimento, tem como centro a pessoa humana, não isolada, ma como sujeito pertencente ao coletivo.

Os princípios filosóficos e pedagógicos apresentados anteriormente fundamentam a Teoria Pedagógica do MST. O processo como o Movimento vem fazendo a Educação e lidando com as teorias pedagógicas foi intitulado “Pedagogia em Movimento” isto não quer dizer que o MST tenha inventado uma nova pedagogia, mais que lida de forma diferenciada com as pedagogias existentes.(MST, 1999d)

As pedagogias que o Movimento busca refletir sobre como se relacionam com o processo na Escola, são: Pedagogia da luta social, Pedagogia da organização coletiva, Pedagogia da terra, Pedagogia do trabalho e da produção, Pedagogia da cultura, Pedagogia da escolha, Pedagogia da história, Pedagogia da alternância.¹⁰ Estas pedagogias estão calcadas nos princípios filosóficos e pedagógicos discutidos anteriormente (MST, 1999 d).

A partir daqui, nos propomos a focalizar a escola inserida no contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

“Uma escola onde se educa partindo da realidade, uma escola onde o professor e aluno são companheiros e trabalham juntos - aprendendo e ensinando, uma escola que se organiza criando oportunidades para que as crianças se desenvolvam em todos os sentidos, uma escola que incentiva e fortalece os valores do trabalho, da solidariedade, do companheirismo, da responsabilidade e do amor à causa do povo. Uma escola que tem como objetivo um novo homem e uma nova mulher, para uma nova sociedade e um novo mundo”(MST, 1999 b).

¹⁰ Optamos aqui por apenas citar as pedagogias, a explicação sobre elas pode ser vista encontrada na referência citada.

As escolas dos assentamentos são públicas uma vez que o Movimento entende que é dever do Estado financiar a Educação. No entanto isto não é empecilho para o MST desenvolver sua proposta de educação nas escolas uma vez que estes se propõem a estar em constante disputa com o Poder público tanto no âmbito geral como no específico. Estas escolas situam-se no campo, têm como eixos norteadores as “Pedagogias do Movimento”, as quais defendem a idéia de formação humana, que visa romper com a lógica da educação voltada para atender com exclusividade as demandas do mercado.

O espaço da escola é onde as crianças Sem Terra aprendem a ler, escrever, se organizar. Além disso deve ser o lugar central da comunidade, o ponto articulador da mesma, onde acontece o encontro das pessoas dos grupos, reuniões comunitárias, realização das assembléias, noites culturais, podendo assumir outras funções: funcionar como posto de saúde temporário, telefone da comunidade. O cuidado com a escola é fundamental, e todos da comunidade devem participar dessa tarefa. Inclusive cabe aos alunos(as) e professores(as) construir cartazes murais para enfeitá-la e deixá-la mais agradável e com a cara do Movimento (MST, 1999c).

Comentando um pouco mais as escolas dos assentamentos nos reportamos a MST(1999c, pág 29) que diz que:

“ Uma escola com essas características certamente cultivará o hábito de resgatar permanentemente a história, a mística subversiva de um povo que luta contra os mecanismo de exclusão. Celebrará datas históricas da luta de sua comunidade, vivenciará através da mística, os valores humanistas e socialistas, aprenderá a ter amor pela comunidade e a cultivar os seus símbolos. Assim, ela fortalecerá nas crianças e na comunidade, o sentido de pertença ao Movimento.”

A organização das escolas atreladas ao Movimento busca construir novas formas de gestão da mesma. Pode-se citar como exemplo a direção coletiva, a divisão de tarefas.

Partem da compreensão que o conhecimento se constrói a partir da realidade concreta. Nesse entendimento, temos que darmos conta que os estudantes de uma escola do campo possuem uma prática social diferente de estudantes de uma escola da cidade e que, as diferenças devem ser levadas em consideração no momento da construção do projeto político pedagógico e também no cotidiano da escola.

Participam da gestão escolar as educadoras, os educandos, a comunidade assentada e/ou acampada e as instâncias do MST. Para que a proposta de

educação do MST se efetive na prática é essencial o papel das educadoras, que devem conhecer a realidade do campo, ser a favor da Reforma Agrária, lutadoras do povo, conhecer a história do MST e estarem disposta em construir outros valores e relações tanto no ambiente escolar como nos demais espaços de sua intervenção. São consideradas educadoras todas as pessoas que se envolvem diretamente no processo de ensino aprendizagem (as professoras, merendeiras, responsável pela saúde, limpeza...).

Outro assunto que Setor de Educação do Movimento considera importante é o Planejamento da escola¹¹. Este tema é dividido em três momentos: (MST1995, págs: 5 a 34).

1) Planejamento Global da escola: reflete o contexto mais geral da escola. Podemos fazer uma analogia ao Projeto Político Pedagógico da escola. Neste espaço deve conter: as linhas políticas e administrativas, objetivos, como vai funcionar, instância de participação, método de ensino, critério para seleção e organização dos conteúdos, sistema de avaliação.

2) Planejamento Anual: retomar o planejamento global, realizar um diagnóstico da comunidade confrontando estes dois itens e retirando metas para o ano. Nesse espaço entra também a discussão sobre metodologia de ensino. Particularmente o MST vem dando ênfase em 3 aspectos no que se refere a metodologia, são eles:

a) TEMAS GERADORES: que são o ponto de partida, retirado da realidade concreta seja a realidade do assentamento, ou do MST, do Brasil, entre outras. O tema gerador faz com que os componentes curriculares tenham um eixo articulador, do qual partem para desenvolver seus conteúdos específicos.

“O método de ensino através dos temas geradores surgiu da preocupação de educadores progressistas em criar alternativas para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais voltado às necessidades e aos interesses populares. Pistrak(russo) e Paulo Freire(brasileiro) são autores que aprofundaram bastante esta questão. Em linhas gerais podemos dizer que os Temas Geradores são assuntos ou questões extraídas da realidade, seja mais próxima e atual, seja a realidade de época, mais geral. Em torno destas questões se passa desenvolver conteúdos, as didáticas e até algumas práticas no conjunto da escola. São geradores porque geram/criam necessidades de novos conhecimentos, novos conteúdos, outros temas, ações concretas de intervenção da realidade...”(MST: 1995, Pág 18):

b) RELAÇÃO PRÁTICA- TEORIA-PRÁTICA: esse caminho busca fazer com que os(as) alunos(as) percebam como utilizarem na prática social os conhecimentos

¹¹ O Movimento produziu um Caderno de Educação para discutir essa temática. Como fazer a escola que queremos. Caderno de Educação n° 6, 1999.

produzidos na escola. Segundo MST(1995:pág18) “... queremos um método que ensine não só a DIZER, mas também a FAZER nas várias dimensões da vida humana. O domínio da ciência e da técnica da transformação.”

c) PARTICIPAÇÃO COLETIVA: estimular os alunos(as) a se organizarem coletivamente, construindo na escola espaços que possibilitem a intervenção do aluno, como por exemplo, participação dos estudantes em instâncias deliberativas. Possibilitar ao aluno constituir-se enquanto sujeito da história, que participa, que opina que discorda rompendo a idéia de que um bom aluno é aquele que fica quieto na sala de aula, todavia, é necessário construir uma nova relação entre professor(a) e alunos(as), e que os alunos(as) aprendam a questionar, reivindicar, respeitar, se organizar, transformar...

3) Planejamento das aulas: divide-se em planejamento anual ou semestral, semanal e diário. Acontece por turma e visa transpor as discussões realizadas no planejamento Global e anual para efetivar essas dimensões nas aulas. Assim é interessante realizar o planejamento por turma, diagnóstico da turma, quais são os objetivos a serem desenvolvidos e quais as estratégias utilizadas para alcançá-lo, como desenvolver os temas geradores, quais as práticas que serão desenvolvidas, quais os conteúdos prioritários, e enfim, identificar as fontes de pesquisa a respeito dos conteúdos e métodos de avaliação. A respeito da avaliação, o Movimento, entende que esta deve ser um processo coletivo, que ocorre tanto no processo de gestão, nas aulas, para que sejam avaliadas todas as ações desenvolvidas pela escola, no sentido de refletir sobre estas e planejar ações futuras. Especificamente, em relação a avaliação dos educandos MST(1999d: Pág31) diz que: “devem ser levados em conta o crescimento da pessoa como ser humano, a formação do seu caráter, a convivência solidária e a participação nas atividades e participação no trabalho, o aprendizado escolar e o desenvolvimento intelectual, juntamente com a capacidade de pensar e de utilizar estes aprendizados na vida prática”.

Faz-se necessário pontuar no trabalho as ponderações que o Movimento nos traz a respeito da efetivação de sua proposta nas escolas do movimento:

“ A escola que aqui apresentamos não existe em nenhum lugar na sua totalidade. Mas os seus principais aspectos estão presentes e em funcionamento em muitos lugares. Cada idéia que aparece é fruto de nossas experiências, que estão em processo. O desafio é aproveitarmos os vários passos dados, em lugares diferentes, para avançar em conjunto, sem deixar de respeitar a realidade e a criatividade de cada grupo e de cada lugar. Não queremos

dar um modelo mas sim algumas referências para a reflexão do coletivo de cada escola. É uma reflexão que não deve parar nunca, acompanhando o movimento de nossa prática e do conjunto do MST” (MST, 1999d: Pág 4).

Neste tópico, abordamos as questões mais amplas referentes a educação no MST, apresentando assim, os eixos norteadores da Proposta de Educação do MST. Passamos agora a refletir as questões educacionais específicas do Assentamento José Dias, no entanto, realizamos esta divisão, no sentido de facilitar a compreensão do estudo, mas concomitantemente buscamos não perder a dimensão da totalidade.

2.2- Uma história de luta: O assentamento¹² José Dias

“A esperança carregada de coragem, em cada um (a) que estava nesta caminhada, deu forças para enfrentar e resistir. A luta continuou firme com a cabeça erguida e os pés no chão desta terra que tem o nome de José Dias. Conscientes de que a ação organizada dos trabalhadores e trabalhadoras faz a Reforma Agrária acontecer, com esta firmeza saíram deste acampamento vários grupos organizados para outras áreas...” (Trecho da Poesia: “Minha inocente Vida” de autoria de Vandoir, assentado)

Como já dissemos anteriormente, nossa participação no projeto fez com que nos aproximasse do Assentamento José Dias e o escolhemos como foco do nosso estudo. Desde modo, no desenrolar deste espaço buscaremos fazer relações entre a Proposta do MST- o qual relatamos anteriormente- e a realidade da Escola Margarida Alves, pertencente a este assentamento.

Cada assentamento tem sua trajetória que delinea as práticas do mesmo, no que tange, por exemplo a sua organização. Neste sentido, percebemos necessário, junto com a discussão específica da escola também abordar o Assentamento, tal como sua história. Para tal, utilizamos documentos elaborados pelos próprios sujeitos que constroem cotidianamente esta história. Conforme já citado na introdução, os documentos são estes: Celebração da Vida (documento do

¹² Acampamento é a organização que acontece logo após da ocupação, os trabalhadores(as), nesta condição, não possuem uma área fixa, no entanto criam um fato político e lutam para que a terra seja desapropriada ou utilizassem do espaço para organizarem para outra ocupação. Os assentamentos já são áreas fixas em que a desapropriação pelo poder público, foi efetivada.

assentamento produzido para festa de comemoração de 15 anos do mesmo, 2003); História da escola e do assentamento (como está fonte não possui referência, optamos em intitulado); Projeto de pesquisa- Escola Rural Municipal Margarida Alves (CHAGAS; BERTÉ; SANTOS, 1999), além de entrevistas com as professoras.

O Assentamento José Dias está localizado no Município de Inácio Martins-Pr, compreende atualmente 105 famílias. Atualmente podemos dizer que a vida no assentamento não é fácil, a terra tem muitos desníveis e não é muito fértil, tendo assim como base a agricultura familiar pequena produção voltada principalmente para o consumo próprio. Devido a esta situação, a alternativa que os moradores do assentamento encontraram para conseguir sua subsistência foi a produção do carvão. No entanto, para chegar alcançar a situação que vivem hoje, muita luta foi travada, como veremos a seguir na história do assentamento.

A área ocupada era improdutivo, pertencente a Fazenda Pinheira no município de Inácio Martins no Paraná. Anteriormente a ocupação uma equipe do Movimento analisou a área percebendo que ela poderia ser desapropriada e entregue aos trabalhadores que precisavam muito dela. Mas da onde vieram essas famílias?

“ No centro e sudeste do Estado do Paraná, espalhados em dezenas de municípios, milhares de famílias viviam derramando seu suor exploradas no trabalho, de um lado para outro sem perspectivas e garantia de uma vida humana. O peso do sofrimento diário e o sonho de vida digna para os filhos, despertou-nos para a busca de soluções. Trocando idéias, socializando a causa em encontros e reuniões com sindicatos, igrejas e outras organizações que indignadas com a crescente exclusão e pobreza do povo, era preciso achar saída. Precisávamos agir, juntos encontramos o caminho, organizando-nos no MST, indo a luta pela terra e pela Reforma Agrária. Foi aí que no dia 5 de agosto de 1988, ocupamos a fazenda Papagaios com 1500 famílias, sendo, na época a maior ocupação do Brasil. Aqui, sul do estado do Paraná, em Inácio Martins”. (Celebração da Vida, 2003).

Esses trabalhadores vieram de quatro regiões do Paraná e se organizaram através de Sindicatos e da Igreja até chegarem a Fazenda determinada para ocupação.

Os trabalhadores e trabalhadoras que ocuparam¹³ esta fazenda vieram na expectativa de uma nova vida, abandonaram tudo o que tinham na busca da

12 A respeito desta questão MORISSAWA apud SILVA (2001, Pág 132) nos diz que “Segundo os juristas Fábio Comparato, Luiz Edson Facchin e Régis Oliveira, existem profundas diferenças entre **invadir** e **ocupar**. Invadir significa um ato de força para tomar alguma coisa de alguém em proveito particular. Ocupar significa simplesmente, preencher os espaços vazios- no caso em questão, terras que não que não cumprem sua **função social** – e fazer pressão social coletiva para aplicação da lei e a desapropriação. A respeito da ocupação, MORISSAWA (mesmo) complementa: “ A ocupação é para o MST uma ação voltada a abrir um espaço de luta e resistência. Com ela se cria uma outra condição para o enfrentamento ao realiza-la os Sem Terra conquistam a possibilidade de negociação.”

dignidade. No entanto essa luta não foi nada fácil. Poucos dias após terem ocupado o espaço a represália começou, barreira policial foi montada e revistaram todas as pessoas que queriam entrar na fazenda, apreendendo sementes, mudas, alimentos e remédio. Em consequência veio a fome e a morte de crianças e mães que se tornou parte da realidade no acampamento (Celebração da Vida,2003).

Além da repressão do Estado (policiais, militares) o dono da fazenda organizou um grupo de pistoleiros que ameaçavam, espancavam e torturavam os acampados. Dentre um dos ataques ao assentamento é baleado o companheiro José Dias que não resistiu vindo a falecer e seu nome, devido a esse acontecimento, se tornou o nome do assentamento.

A área ocupada não comportava o número de famílias presentes, então muitos grupos se organizaram e foram ocupar outras terras, lutando pelo sonho de sair da condição de explorados.

Em 1990 ocorre a desapropriação da terra. Esta é dividida em vários lotes (essa divisão inicialmente foi realizada pelos acampados), e em 1993 aproximadamente(pois cada um teve o seu tempo para construir sua casa), saem dos barracos e vão para suas casas. E é somente no ano de 1996 que recebem a imissão de posse¹⁴.

Como já comentamos anteriormente, a educação tem um papel central para o Movimento. Neste sentido, optamos por colocar a História e a discussão a respeito da Escola Municipal Margarida Alves no mesmo tópico da História do Assentamento. Estas histórias se confundem, pois juntamente com a reivindicação pela terra está a luta pela educação, aqui focalizado na escola.

Nos primeiros dias da ocupação as famílias começam a se organizar e viver coletivamente, para isso dividem-se em Setores.

Esta forma de organização de um assentamento é característica do MST, conseqüentemente as ocupações possuem diretrizes construídas ao longo da história do Movimento, dentre estas, a organização coletiva, a divisão de tarefas, no caso em Setores é fundamental para que os acampados busquem construir novas relações de trabalho, humanas e sociais.

¹⁴ Segundo MORISSAWA(2001, Pág 249) o termo imissão de posse significa: “ documento com que o Poder Executivo (no caso, o INCRA) recebe do Poder Judiciário a posse do imóvel desapropriado, podendo assim destinar este ao assentamento de famílias no processo de Reforma Agrária.

O Setor de Educação é um deles. Os participantes desse Setor, lutaram e conseguiram iniciar o processo educativo das crianças e adolescentes acampados. Este acontecia concomitantemente à formulação da pauta de reivindicações referente a Escola do Assentamento. Os itens principais desta eram: construção da escola, materiais, a formação e remuneração dos professores.

Para formar esse setor foi feito um levantamento mais criterioso, procurando pessoas com vontade e disponibilidade para o trabalho educativo no assentamento. As condições de trabalho eram precárias: as professoras não eram remuneradas, “não existiam salas de aula, as atividades eram desenvolvidas debaixo de árvores, lousas de madeira, giz de carvão, jogos, peças teatrais, músicas e atividades práticas na horta comunitária” (CHAGAS; BERTÊ; SANTOS: 1999, pág 6). Os responsáveis pelo Setor Educação do Movimento acompanhavam a intervenção desenvolvida na escola e junto com os acampados lutavam pela legalização da escola.

Sendo assim, construíram uma escola feita de lonas e esteiras de taquara, onde começa o ano letivo de 1989 com quatrocentas crianças e adolescentes, quatorze professoras e duas auxiliares responsáveis por serviços gerais todas vinculadas ao acampamento. Em abril desse mesmo ano a escola foi legalizada. *“Desde o início onde viviam nas barracas, acampados a escola sempre foi uma preocupação, tinham muitas dificuldades, a falta de material era uma delas, onde muitas vezes as crianças escreviam com o dedo no barro”* (professora).

Em 1992, por meio da mobilização de todo o assentamento conquistam a construção da escola junto ao INCRA¹⁵, estando inicialmente atrelada a Prefeitura e ao Estado por meio de uma parceria. A próxima batalha foi construir a escola de alvenaria. Assim a nomearam : Escola Margarida Alves¹⁶, “como exemplo de lutadora pela causa dos trabalhadores e trabalhadoras”. Para chegar a esse nome foi discutido pela comunidade do assentamento e levado e reivindicado frente aos órgãos públicos responsáveis.

Analisando documentos já citados, percebemos que os princípios filosóficos e pedagógicos no qual se pauta a Escola Margarida Alves são os mesmos princípios filosóficos e pedagógicos defendidos pelo MST, e que anteriormente apresentamos

¹⁵ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

¹⁶ Margarida Alves foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande- Paraíba. Foi assassinada do dia doze de agosto de 1983 por defender a luta dos trabalhadores.

neste estudo. A partir desses apontamentos, podemos perceber que existe por parte das professoras do assentamento o conhecimento da proposta de Educação do MST. Não podemos afirmar, que isto signifique ter um profundo conhecimento teórico sobre tal proposição, no entanto nos revela uma aproximação com o Movimento, o que a partir da observação das práticas desenvolvidas na escola, torna-se para nós evidente

A escola Margarida Alves tem turmas do Ensino Fundamental (1º a 4º série) e Educação Infantil (pré- escola), atendendo ao todo, aproximadamente cem crianças. Atualmente a Equipe de Educação do Assentamento José Dias é composta por: um representante de cada núcleo de base do assentamento, os quais são remanejados anualmente, agente de saúde; responsável pela comunicação, auxiliar de serviços gerais, cinco professoras, e dois assentados que integram o Coletivo Estadual de Educação do MST.

As decisões referentes ao planejamento e a outras questões da escola são decididas pelo grupo responsável pela educação no assentamento, não existindo assim o papel do diretor da escola. Essa foi uma reivindicação do Coletivo frente à Secretaria de Educação do município. É interessante perceber que uma “simples” modificação na estrutura organizacional da escola, no caso a não presença do papel de Diretor(a), demonstra uma outra concepção de gestão escolar: a democrática. Isso acarreta que todos pertencentes à Equipe de Educação constroem coletivamente as ações da escola e são responsáveis por elas.

Todos da Equipe de Educação são assentados, esta condição é um elemento essencial para aproximação da escola com o MST e sua proposta de educação, uma vez que estes sujeitos construíram/ constroem a história do assentamento, ou seja, são lutadores (as) do povo, a favor da reforma Agrária.

As professoras são formadas no Magistério (inclusive essa formação ocorreu no período em que as professoras já ministravam aulas na escola, e esta foi mais uma reivindicação do Coletivo de Educação da Escola). As educadoras se empenham bastante para participar de Cursos de Formação Continuada, em especial os construídos pelo Movimento.

Todos da Equipe de Educação participam do planejamento da escola, fazendo reunião anual na qual definem os desafios do ano e escolhem o Tema Gerador do ano. No ano de 2003 o tema foi: História, Vida e Organização. Assim cada bimestre o Coletivo se reúne para avaliar as ações e pensar no tema gerador

de cada bimestre, sendo que o do último foi: Amor e Resistência a Vida no Campo. Podemos aqui evidenciar uma sintonia com a proposta de Educação do MST, tanto na questão de como organizar o planejamento, no caso, a partir dos temas geradores, bem como suas temáticas que estão relacionadas a questões da valorização da vida no campo, a historicidade, organização, pontos estes, presente na proposta de Educação do MST.

O projeto político pedagógico está centrado nos princípios defendidos pelo MST, no entanto, isso não significa que a escola não leve em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais, ou as indicações que vêm da Secretaria de Educação. A respeito desse tema a professora diz que *“O aluno não deixa de aprender, ensinamos aquilo que o planejamento manda de forma diferente”*; *“O livro da Secretaria pouco ensina a pensar”*. Nas falas, podemos notar que existe um comprometimento grande com a educação para a formação humana, discordando assim dos livros didáticos, pois estes não levam em consideração a realidade do aluno, da escola do campo. Outras falas que corroboram e mostram o diferencial dessa escola: *“para ensinar não existe uma forma pronta, isso é construído com as crianças. Não sabemos mais que as crianças. E elas não sabem mais do que nós”*. Nessas podemos perceber que as professoras não entendem os alunos como uma *“tábua rasa”* onde depositam conhecimento e que o aprendizado não é de mão única, e sim uma relação dialética entre professor(a) e alunos(as).

Logo que chegamos na escola percebemos, na observação de 2003, algo de diferente: pintura de bandeiras do Movimento, a do Brasil, desenho de Sem Terrinhas entre margaridas, um parque infantil, sendo que neste, alguns brinquedos vieram prontos e outros foram construídos pela própria comunidade com materiais alternativos.

Existem vários materiais construídos pela escola, principalmente nas salas de aula, que resgatam a luta do assentamento, valorizam a vida no campo, etc. No estágio de observação, tivemos a oportunidade de acompanhar algumas aulas, dentre elas selecionamos uma para apresentar no trabalho. A aula observada foi ministrada para 3º série. Segue abaixo o relato da aula:

“A professora inicia a aula perguntando o que se compra no mercado, os alunos e alunas respondem e constroem uma lista de produto, em sua grande maioria alimentos (feijão, arroz, carne, batatinha, frango, sabonete). A professora trouxe um ticket do mercado que trazia o valor da maioria dos

alimentos, todos colocam esses valores no quadro chegando a um consenso de quanto mais ou menos sua família consome desses alimentos, e somando os valores correspondente a quantidade de alimento consumida por sua família. Posteriormente discutiram e detectaram que a maioria dos produtos comprados no mercado, poderiam ser produzidos em casa e que estes eram muito mais saudável, pois não têm veneno. Em seguida, fazem uma pesquisa de quanto é o preço do carvão (esta é uma atividade desenvolvida pelos assentados), então com esses dados calculam o quanto é necessário produzir de carvão para conseguir comprar os alimentos. Discutem e concluem que é preciso vender muito carvão pois o preço dos produtos do mercado são caros, colocam a importância de cuidar da terra, cultiva-la pois *“ela é fonte da vida, onde podemos plantar e não precisamos comprar no mercado”* (fala de um alunoaluno).

Nesse exemplo podemos ver o que significa partir da realidade dos alunos(as), trazendo temas do cotidiano, trabalhando concomitantemente um conteúdo sistematizado: as operações matemáticas. Além do que, possibilitou os(as)alunos(as) refletirem sua realidade, opinarem e encontrarem alternativas para superá-la. Reforçando esta idéia, em reunião com a Equipe de Educação da escola e as professoras explicando como trabalham com as crianças, elas dizem que: *“ Não adianta trabalhar a divisão se eles não sabem o porquê da divisão. Não fazem a operação por fazer. É preciso que o conteúdo esteja relacionado com a realidade dos alunos.”* (professora). Nesta situação percebemos, o princípio pedagógico da proposta do MST: *A realidade como base da produção do conhecimento*, ou seja, partem da realidade mais próxima para chegar na realidade mais ampla, bem como, as questões referentes ao assentamento são problematizadas, no sentido de trazer um retorno a esta situação/ prática social. Outros princípios que estão relacionados com a aula: *Relação permanente entre teoria e prática, conteúdos formativos socialmente úteis, entre outros.*

Outra questão que nos chama atenção na escola, e a organização das cadeiras das salas dispostas em semi-círculo, buscando romper a idéia da ordem de disposição em fileiras, possibilitando que todos na sala possam se enxergar e facilitando o trânsito das crianças, bem como as discussões realizadas na aula. A respeito, dessa situação, a professora nos relata que no dia da avaliação imposta pela Secretaria do Município as cadeiras tiveram que estar dispostas em fileira, chegando na sala de aula e observando sua nova configuração um aluno diz que: *“ a professora desarrumou as cadeiras”*. Esta fala demonstra a estranheza do aluno na

disposição das cadeiras em fileiras, o que em outras escolas esta arrumação é comum.

A respeito da avaliação, as professoras questionam o “Provão” imposto pela Secretaria de Educação e que não condiz com a realidade das crianças. No entanto, preocupam-se com a avaliação enquanto um processo, ou seja, que não tenha um fim nela mesma, ou apenas um caráter de atribuição de um valor. Neste sentido, a fala de uma das professoras mostra a concepção que elas tem à respeito da avaliação: *“estamos preocupados em ensinar para a vida e não para as provas”*(professora)

Contudo, dois princípios da proposta de Educação do MST, que não ficou claro para nós, foi como ocorre a participação da comunidade nas decisões da escola, bem como referente ao assentamento de maneira geral. E como ocorre a participação dos estudantes nas instâncias da escola, bem como se eles tem espaço se organizarem sem a presença das educadoras. Claro que essas questões são dúvidas que suscitamos, e que podem ser reflexo de um período relativamente curto em que acompanhamos as atividades da escola. Estes questionamentos, surgem, no sentido, de desencadearem outros estudos e refletimos esses temas junto com o Movimento com o intuito de somar experiências tanto para o meio acadêmico como para a luta do MST, superando os desafios.

Neste tópico vislumbramos discutir as questões mais específicas da realidade observada, ou seja, do Assentamento José Martins e da Escola Margarida Alves, no entanto, até aqui optamos por discutir temáticas referentes a história do assentamento, da escola, bem como as práticas observadas nesta realidade, ou seja, não apontamos aqui questões relacionadas com a Educação Física que é o foco do nosso trabalho. Esta discussão será apresentada no próximo capítulo do nosso estudo.

3.0 A EDUCAÇÃO FÍSICA INSERIDA NESTE CONTEXTO

Neste capítulo iremos discutir a inserção da educação física na proposta do MST, optamos assim, percorrer o seguinte caminho: discutir a concepção teórica da educação física, mais especificamente a metodologia crítico superadora, uma vez que esta é a perspectiva com a qual corroboramos e além disso, é assumida também como direção do projeto, em seguida, apontaremos as referências da Educação Física/ Cultura Corporal encontradas na Proposta de Educação MST e posteriormente discutir a educação física/ cultura corporal enquanto disciplina curricular

3-1- Metodologia Crítico Superadora: uma possibilidade de intervenção da Educação Física no contexto do MST.

Antes de adentrarmos especificamente na discussão da metodologia crítico superadora, iremos realizar um breve relato da história educação física, mais especificamente, sua inserção no contexto escolar. No entanto, não pretendemos aqui aprofundar esta discussão histórica, mais sim, situar e compreender o processo histórico da área e como este influencia a educação física nos dias atuais.¹⁷

No âmbito escolar a educação física na forma de exercícios físicos sistematizados, surge no fim do século XVIII e início do século XIX na Europa, compreendendo a fase de consolidação de uma nova sociedade, promovida pela Revolução Industrial. Esta sociedade exige um proletário forte, ágil, pois o trabalho nas fábricas demanda muito da força física dos trabalhadores, sendo que esta era indispensável para consolidação da sociedade capitalista. Neste contexto, a prática de exercícios físicos, tornam-se realidade concreta para o homem desse período. Esta intervenção além de trabalhar o “físico”, introjetava valores: dos hábitos higiênicos, disciplina e controle. Devido a importância que os exercícios físicos tinham para a construção da sociedade capitalista, os médicos higienistas se debruçam a estudar essa temática, pautados no referencial de ciência positivista, criando assim os métodos ginásticos, sistematizações dos exercícios físicos. A esse respeito Coletivo(1992: Pág 51) diz que: “ Sendo assim, as práticas pedagógicas foram pensadas e posta em ação, uma vez que correspondiam aos

¹⁷ Esta discussão pode ser vista no livro: CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil a história que não se conta. Papyrus, 1998.

interesses da classe social hegemônica naquele período, ou seja a classe social que dirige, política, intelectual e moralmente a nova sociedade”.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX era presente a influência dos métodos ginásticos no âmbito escolar, tais métodos eram reproduzidos na escola sob a orientação dos profissionais formados pelas instituições militares. Nessa época o país está configurado pelo Estado Novo.

Após a Segunda Guerra Mundial, predomina na educação física brasileira a influência do esporte. As aulas de Educação Física tornam-se continuação da instituição esportiva. A metodologia tecnicista começa ser difundida. Esse período compreende a Ditadura Militar onde a educação física tem seu papel fundamental, no controle da população.

A partir da década de 80, com a “reabertura política”, pesquisadores da área da educação física, começam a questionar o papel hegemônico que a área ao longo de sua história e iniciam a reflexão a respeito das alternativas possíveis para superar esta problemática. No entanto, neste período, ocorre somente a crítica do papel da educação física. No contexto escolar e é a partir da década de 90 que surgem sistematizações de propostas que partem de referências teóricas que rompem com vários paradigmas da área.

No entanto, atualmente, existem perspectivas que lutam pela superação desse atual modelo econômico. Com esse breve histórico podemos perceber que a Educação Física, ao longo de sua história, defende de maneira hegemônica, a manutenção do sistema capitalista. Estando subordinada às instituições militares e esportivas.

Assim optamos em trazer as discussões presentes na metodologia crítica superadora uma vez que esta mostra aproximação com a proposta de Educação do MST (o que detalharemos mais a diante), principalmente nas questões que permeiam seu referencial teórico. Pelo fato de que esta metodologia da educação física é propositiva, trazendo sistematizações do conteúdo da área e apontando com clareza sua visão de mundo: calcada no materialismo histórico-dialético. Neste sentido, não iremos pontuar as outras concepções da área, pois entendemos que para discuti-las com profundidade seria necessário, compreender a questão epistemológica, ou seja, compreender as concepções de ciência e de que fonte teórica cada abordagem se pauta. Isto não significa dizer que não consideramos

está discussão importante, no entanto este não é o foco central da monografia, e por se tratar de um trabalho de graduação poderíamos fazer uma reflexão superficial, o que pouco contribuiria para o estudo.

A abordagem crítico superadora compreende a educação física como “uma disciplina que trata pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada de Cultura Corporal.” Coletivo de Autores (1992:Pág 61). Definindo a Cultura Corporal como:

“ Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas sica exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.”(1992: Pág 38).

O conhecimento dentro dessa perspectiva é entendido como sendo historicamente construído, ou seja, “ é preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando, etc” (Coletivo de Autores:1992, pág 39), e sim que estas manifestações foram resultados do processo histórico. Nesta perspectiva, rompe com a dimensão da neutralidade, apontando que as práticas corporais são repletas de sentidos e significados, enfim, de uma intencionalidade. Assim, busca tematizar problemas presentes na realidade concreta, mostrando a relação de interdependência entre os conteúdos da cultura corporal com as questões sócio-políticas. Isto não quer dizer que os elementos técnicos e táticos devem ser renegados, eles devem ser trabalhados, só que não de maneira exclusiva, como vem sendo, portanto também são considerados um bem construído pela humanidade que deve ser socializado. A expressão corporal é considerada como linguagem, e esta deve ser historicizada, apropriada, resignificada pela humanidade. Essa proposta tem a intenção de realizar uma reflexão a respeito da realidade social, buscando construir um cidadão com capacidade de crítica, no sentido de entender e analisar diferentes pontos de vista e se posicionar perante eles transformar sua realidade. O que se difere de doutrinação, a respeito dessa questão, o Coletivo de Autores (1992: Pág 63) coloca que “ Tratar dos grandes problemas sócio-políticos atuais não significa um ato de doutrinação. Não é isso que estamos propondo. Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a

leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais.”

No entanto, qual a aproximação da metodologia apresentada com a proposta de educação do MST? A este respeito, Janata (1999: Pág 26) nos aponta que: “visualizamos a abordagem crítico superadora como possibilidade de intervenção desta área de conhecimento no sentido de contribuir com a proposta educacional do MST. Esta aproximação da metodologia com a proposta do MST tem como questão central a defesa da classe.

“ A expectativa da Educação Física escolar, que tem como a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade, substituindo individualismo, cooperação, confrontando a disputa, a distribuição em confronto com a apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos- a emancipação- negando a dominação e submissão do homem pelo homem” (Coletivo de Autores, 1992, pág 40)

Neste sentido, podemos perceber com clareza que esta metodologia deixa claro seu Projeto Histórico, uma vez que defende o Projeto Político Pedagógico da escola, enfim sua intervenção na realidade a partir da perspectiva da classe trabalhadora. Realizando uma crítica a sociedade capitalista, e propondo sua transformação.

3.2– Analisando as fontes...

Nessa parte do trabalho iremos analisar as referências encontradas nos escritos do MST referentes a Educação Física, a partir do entendimento da Cultura Corporal com a realidade observada.

A respeito disto, CASAGRANDE & FERREIRA (2003, Pág 1) dizem que:

“ao buscarmos referências acerca da cultura corporal na Pedagogia do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) , começamos a vislumbrar seus sinais a partir da discussão travada pelo Movimento em torno da cultura (...)Nesta compreensão de cultura, já podemos perceber também a expressão da cultura corporal enquanto o resultado da atividade humana historicamente desenvolvida e organizada em forma de conhecimentos a serem transmitidos de geração para geração”.

As autoras citam ainda o tempo de Esporte/ Lazer, Cultura e Mística, como sendo manifestações da cultura corporal encontrados na proposta do MST. Estes

espaços se referem em momentos presentes na organização escolar e no “tempo de aula”.

Uma vez que a discussão sobre a cultura “abrange” a da cultura corporal, buscaremos compreender qual o significado de cultura para o MST? A cultura para o Movimento possui uma dimensão abrangente:

“ Em geral temos uma falsa idéia ao identificarmos a questão da cultura apenas como atividades culturais de nossa sociedade relacionadas com nossa tradição musical, do teatro e da pintura”. Na verdade, a questão da cultura é muito mais abrangente, está relacionada com nossas atividades cotidianas, nossos hábitos, nossos costumes, nossa tradições. Está relacionado com toda nossa vida” (Bogo, 2000, pág 3).

Neste entendimento cultura, trabalho e existência estão interligados, sendo assim, para o movimento cultura significa “ tudo o que criamos, fazemos e sentimos ao produzir nossa existência” (Bogo, idem, pág 9). A este respeito nos diz que:

“A Cultura, portanto representa a produção material e espiritual da existência, a produção consciência e a formulação de objetivos que poderão ser alcançados pela sucessão de várias gerações. Assim sucedem os inventos, as descobertas científicas, as formulações metodológicas, as práticas e teorias organizativas com seus princípios e valores, Assim forjam-se arquitetos da existência, os poetas seresteiros, que buscam apaixonadamente subir os mais altos graus na escada que leva á felicidade.”

“Assim brincam os cantadores com as cordas, arrancando delas melodias. Jogam futebol os atletas como se fossem deuses rolando para o gol o universo que cabe sobre o pé. Sonham as crianças com estórias ouvidas antes de dormir. Assim plantamos e colhemos gerações que imprimem à história suas características reconhecidas, reproduzidas ou renegadas, dependendo de sua importância e serventia” (Bogo, idem, pág 15).

Como citamos anteriormente analisamos os documentos referentes a educação do MST e observamos a realidade a partir das categorias identificadas por Casagrande (2001): Cultura, Mística e Tempo de Esporte e Lazer. Em seguida pontuaremos especificamente cada uma delas.

Cultura: este espaço refere-se a “ momento de resgatar expressões culturais do povo brasileiro especialmente através da arte: música, dança, mitos...” (MST apud Casagrande), neste sentido a escola do MST cultiva símbolos, resgata a história, as músicas, enfim a escola do Movimento também é o espaço para construir estas manifestações, e estas são instrumentos fundamentais para formação humana dos educandos. Na observação que realizamos na referida escola podemos perceber como a questão da cultura é importante e se faz presente no tempo de aula. As crianças conhecem, cantam as músicas construídas pelo MST, as palavras

de ordem, se identificam enquanto Sem terrinhas¹⁸. Para exemplificar como este “tratamento” da cultura enquanto, um conteúdo pedagógico, é trabalhado na prática, citamos uma paródia construída por uma turma da escola.

No município onde eu moro
Tem um assentamento que eu adoro
Ele é minha riqueza
Luto com dignidade
Com firmeza e Coragem
Para o bem da humanidade
Sou criança e vou lutar
Construindo minha história
Dentro do assentamento
Pois pertenço a um grupo forte
Resistente e muito nobre
É o grande MST
Que é um movimento popular
Que ajuda a controlar
As injustiças sociais
(4° série- 2002).

Mística: A mística é uma prática comum no Movimento, ela acontece na maioria dos espaços construídos pelo MST, tendo como finalidade trazer uma reflexão sobre os problemas enfrentados na atualidade, tanto na realidade específica como nas questões mais amplas, a partir de uma metodologia diferenciada, utilizando a expressão corporal e elementos teatrais.

¹⁸ Sem terrinha é como são chamadas as crianças, filhos e filhas dos Sem Terra. Este tratamento, faz com que as crianças se identifiquem e participem do movimento dando continuidade a luta iniciada pelos seus pais.

A respeito desta manifestação: “ A mística para os Sem Terra é mais do que uma palavra ou um conceito. É uma condição de vida que se estrutura através das relações entre as pessoas e as coisas do mundo material”(MST: 2001, pág 227). “... encenações, homenagens, poesias, ornamentações, demonstra-se que a mística é o futuro antecipado pela imaginação, manifestado pela criatividade, ligando os passos dados no passado e que estão tendo como vivos no presente”.

Esta manifestação também é construída e vivida no ambiente escolar. Na realidade observada tivemos a oportunidade de vivenciar várias místicas, sempre que chegávamos no assentamento e nos despedíamos a mística estava presente, construída pelas professoras e os alunos. Era a maneira de nos contar a história do assentamento, a luta do MST, de valorizar o trabalho no campo, agradecer-nos, extrapolando a linguagem oral. No entanto, pudemos perceber também que esta manifestação é uma constante no Movimento uma vez que ela é trabalhada com frequência com as crianças, em relação a esta questão a professora diz “ *propomos um tema, as crianças se organizam e constroem uma mística*”.

Tempo de Esporte e Lazer:

Abaixo transcrevemos algumas referências encontradas nos documentos produzidos pelo MST, em relação ao Tempo de Esporte e Lazer.

“É o tempo para prática de esportes e jogos coletivos que venham a desenvolver valores como a cooperação e a socialização. Também é o tempo destinado ao lazer, a brincadeiras, a prosas, passeios, piqueniques... Serve também para o aprendizado de novos jogos e brincadeiras, para o desenvolvimento da coordenação motora da agilidade da resistência física... ele visa a integração entre todos os educandos da escola, proporcionando um momento de ludicidade e alegria. Este tempo pode ser de um período por semana (em torno de noventa minutos), pelo menos. Também podem ser planejados momentos de lazer livres, nos finais de semana. podem ser nas dependências da escola ou em outro local conveniente. Neste tempo pode estar incluída a disciplina de Educação Física, desde que também contenha seu conteúdo específico. (MST, 1999d, pág 26)

Outra referência nos traz a diretriz, ou seja que valores devem ser trabalhados na educação física: “ Divertir-se em vez de competir(especialmente na Educação Física)” (MST, 1999d, Pág 18).

No Caderno de Educação do Movimento: *Como fazer a escola que queremos: planejamento* encontramos a sugestão de conteúdos básicos a serem trabalhados de 1° a 4° séries nas escolas dos assentamentos: estes conteúdos estão divididos nas seguintes áreas: estudos sociais, ciências, matemática, comunicação e expressão. Na última área encontramos que devem ser

trabalhados: Jogos, cantigas e brincadeiras infantis (resgate de jogos e cantigas bem como brincadeiras populares da região). Continua , pontuando a Expressão Corporal: Teatro, dança, exercício físicos...; Música(fabricar instrumentos musicais caseiros; Jogos.

No que se refere aos jogos e brincadeiras infantis, nota-se que a um tratamento diferenciado, sendo que existe Caderno de Formação específico sobre este tema, intitulado “ *Jogos e brincadeiras infantis*”. Neste sentido, apontam considerações sobre o trato com estes conteúdos na escola. (MST, 1996): “tem como objetivo contribuir com o trabalho dos professores e educadores a enriquecerem suas atividades recreativas e lúdicas com as crianças, resgatar o valor e o espaço de brincar das mesmas na escola, deixando fluir o imaginário, a fantasia, a iniciativa, a criatividade dessas crianças” Acrescentam dizendo que as brincadeiras devem fornecer:

..” subsídio, apoio na construção de um novo jeito de educar, de um novo jeito de organizar o espaço do brincar junto com as crianças. E que nesse espaço se possa aprender a criar, recriar, propor, vivenciar o brinquedo, desenvolvendo assim sua sensibilidade, o relacionamento, a criatividade, o companheirismo acima de tudo, por uma escola mais alegre, mais agradável e gostosa de ficar, estar de permanecer”. (MST: 1996, pág 3).

A partir dos relatos encontrados pudemos perceber uma preocupação com o trato do conhecimento presente na Educação Física: Jogo, dança, brincadeiras, no entanto, como já citamos anteriormente na discussão do tempo de esporte e lazer, o MST (1999d, pág 26) aponta que: “ neste tempo pode estar incluída a disciplina de Educação Física desde que também contenha seu conteúdo específico”, assim, percebemos a falta de conhecimento em relação o que seria o conteúdo trabalhado na Educação Física. Contudo apontam algumas diretrizes para o trato com o espaço do Esporte e Lazer e dos Jogos e brincadeira, os quais condizem com a proposta de Educação do movimento. Tais como: divertir-se em vez de competir, espaço para desenvolver valores como o companheirismo, cooperação e socialização, resgate da cultura popular, entre outros.

Na Escola Margarida Alves, onde realizamos o nosso estudo, não assistimos nenhuma aula de educação física ministrada pelas professoras, vale ressaltar aqui que esta disciplina é trabalhada pelas mesmas professoras de “sala de aula”, e elas não tem formação específica na área. Acreditamos que a “falta de conhecimento” sobre a área foi o fator que não deixou as professoras a vontade para ministrar aulas de educação física durante a nossa presença no assentamento. Desse modo, no

próximo tópicos, discutiremos a Educação Física como disciplina curricular na Escola Margarida Alves a partir das falas das professoras.

3.3- Discutindo a Educação Física como disciplina curricular na realidade observada.

Como já comentamos, o presente estudo, só se tornou possível a partir da vivência possibilitada pelo Projeto Educação e Movimentos Sociais: uma intervenção da Educação Física na Universidade Paraná, qual participamos, durante os anos letivos de 2002 e 2003.

Neste sentido, buscaremos discutir a Educação Física inserida na organização escolar das escolas do MST, enfatizando nossa observação na Escola Margarida Alves, a partir principalmente das falas das professoras nos espaços de intervenção do projeto. O que percebemos, neste sentido, é que a Educação Física significava de maneira hegemônica, o brincar de bola, principalmente porque os meninos neste espaço se organizavam para jogar o futebol. Vale ressaltar aqui, que no decorrer do projeto pudemos identificar mudança na escola, possibilitada, entre outras formas, pelas intervenções pedagógicas dos acadêmicos e coordenadores participantes do projeto. A partir dessas experiências as professoras da escola puderam visualizar maneiras de superar a visão “tradicional” da educação física. Falam que *“as crianças antes só queriam brincar de bola, hoje participam de outras atividades, estão dispostas em realizar outras atividades”*. No entanto, esta intervenção faz emergir conflitos, pois *“as crianças pediam capoeira mas a gente não sabia ensinar”*.

Então o que as professoras entendiam por educação física e como elas trabalhavam? Relatam que esta acontece uma vez por semana; é sinônimo de Jogo de bola(futebol, principalmente); Espaço onde ocorre a fragmentação entre os conteúdos trabalhados em sala, ou seja, não são problematizadas questões sociais, políticas, entre outras, os meninos e as meninas se dividiam e realizavam atividades diferenciadas.

Estes pontos foram levantados pelos educadores (as) no sentido de fazer um diagnóstico da educação física “inserida” na escola, a respeito desta questão os educadores (as) colocam que: *“trabalhamos diferente na sala de aula mas na Educação física a gente reproduz: o companherismo dentro da sala, fora a competição”*.

Em relação a questão de gênero, as professoras colocam que discutir a relação entre homem e mulher é uma preocupação, no sentido de romper com os valores machistas presentes em nossa sociedade, no entanto, colocam que *“incentivando de um lado e de outro a menina é fraca para jogar bola, a gente percebeu pela aula que a gente discrimina as meninas..”*. Acrescentam ainda dizendo que: *“Esses problemas aparecem na sala e a gente não sabe de onde veio”*. Nessas falas as professoras reconhecem que na aula de educação física não trabalham com os valores desenvolvidos na sala da aula.

Neste sentido, falam que *“Trouxeram uma visão diferenciada, a nossa visão era do capitalismo, da academia, da estética do corpo.”* Assim, começam a se questionar e dizem que: *“Uma simples brincadeira de caçador pode excluir uma pessoa e a gente acaba reforçando isso”*.

No entanto, reconhecem que este problema, ou seja, de uma educação reprodutora, acrítica, não é exclusiva da educação física, este respeito falam que:

“ O currículo não privilegia as causas sociais, os livros didáticos não contemplam isso, não é só a Educação Física que não pensa nessas questões, outras disciplinas tem pouco deste tipo de discussão.

“ Na olimpíada do Agricultor, treinamos os alunos para participar das provas, porque queriam ganhar o prêmio”, nas falas podemos perceber que as professoras reconhecem as contradições presente nas práticas desenvolvidas por elas em relação a Educação Física, uma vez que colocam que buscam fazer um trabalho diferenciado na sala de aula, este pautado em valores como a cooperação, a reflexão a partir da realidade, e no espaço da Educação Física reproduzem valores como competição, a separação entre meninos e meninas.

Depois do diagnóstico da educação física na realidade observada pontuamos outra questão: qual seria a finalidade da educação física ser trabalhada no interior da escola? As professoras relatam que a educação física pode possibilitar a integração de meninos e meninas e discutir as relações de gênero, trabalhar com a expressão corporal e brincadeiras, trazer questões referentes a realidade dos alunos promover a integração com as outras disciplinas.

Estes pontos foram levantados pelas professoras, colocando assim algumas possibilidades de como trabalhar a Educação Física no interior desta escola, para que ela possa contribuir com a formação humana dos alunos, o qual é o objetivo trabalhado nos demais espaços da escola. A respeito dessas possibilidades as

professoras dizem que: *“Trabalhar respeito, companheirismo”*, promove a integração com as demais disciplinas: *“A capoeira pode ser trabalhada relacionando várias disciplinas além da Educação Física, História, Geografia, Matemática, Educação Artística, etc.”* *“trabalharam a imaginação das crianças”*.

“Percebemos que existem inúmeras formas de trabalhar um assunto, as crianças estavam brincando, se expressando e depois descobriram que estavam dançando, quando trabalharam a dança trabalharam diretamente com o Xote”. Nestas falas as professoras apontam que valores podem ser trabalhados na educação física: respeito, companheirismo, entre outros. E no como ela pode ser trabalhada: valorizando a cultura, articulada com os demais espaços da escola, fomentando a imaginação das crianças.

Outro tópico que pontuamos neste trabalho é : Quais são as limitações para efetivação de uma prática diferenciada da Educação Física na escola e as possibilidades de superação deste?

Destacamos aqui, a formação das professoras, como uma limitação, uma vez que esta não é específica para a educação física, pois poucas vezes elas tiveram contato com o conteúdo a ser desenvolvido nesse espaço, e os momentos de formação que participaram referentes a área, a educação física foi trabalhada a partir de uma visão acrítica, como lista de atividades, buscando desenvolver aptidões físicas. Neste sentido, colocam que é necessário reivindicar um projeto de Formação Continuada junto a Prefeitura. A respeito da falta de formação, temos as seguintes falas: *“precisamos aprender mais para repassar mais”* onde apontam a dificuldade em trabalhar com estes conteúdos. Colocam ainda que *“mesmo dentro do Movimento, nunca teve um curso de Educação Física”*.

A não inserção da Educação Física no planejamento da escola, ou seja, a educação física não é trabalhada a partir do eixo articulador dos conteúdos, o tema gerador. Neste sentido, as professoras colocaram a importância de repensar e planejar o espaço da educação física.

Poucos espaços de trocas (universidade e Movimento Sociais), estes espaços deveriam acontecer de forma mais constantes, uma vez que ambos produzem conhecimento, os quais poderiam estar trocando e construindo algo em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir um estudo, para nós não significa dizer que nele encontraremos todas as respostas para o problema levantado. Acreditamos que este trabalho levantou várias dúvidas que poderão a tornar-se outros estudos, que poderemos encontrar em outras leituras. Por isso nesse espaço buscamos pontuar mais algumas limitações da inserção da Educação Física no MST, uma vez que esta discussão esteve presente no decorrer do trabalho.

Partimos do pressuposto que uma disciplina só se justifica, se tiver nexos com o eixo curricular e contribuir para a formação ampliada do aluno. Neste sentido, a educação física não se justificaria na grande maioria das escolas, mas isto não quer dizer que devemos acabar com ela, e sim superar as limitações presentes na área para que efetivamente ela possa contribuir nessa formação.

O que percebemos em relação a inserção da Educação Física nas escolas vinculadas ao MST é que estas, na sua grande maioria, também encontram-se na situação apontada acima, ou seja pouco têm contribuído na formação crítica dos alunos.

No entanto, é importante ressaltar aqui que a educação física historicamente foi entendida como sinônimo de exercícios físicos e as discussões que vão além desse conceito são relativamente novos para a área.

Apontando algumas considerações que o movimento traz sobre a Educação Física, nos apoiamos nas falas que dizem que: *“A Educação Física é vista como artigo de luxo”* (Coordenadora Estadual de Educação do MST-PR) e segundo DALMAGRO¹⁹ apud JANATA (1999 pág 25): *“em conversa com o setor de educação estadual e nacional do MST, os coordenadores revelam que a Educação Física é a área na qual eles possuem maior limitação, ao contrário do que ocorre com as demais”*.

Estas falas nos apontam um pouco do porque a Educação Física não é trabalhado a partir de uma visão crítica, na maioria das escolas do Movimento.

No entanto, ao analisar os documentos percebemos que quando procuramos referências a Educação Física/ Cultura Corporal, as diretrizes apontadas no trato deste conhecimento, nos mostra que estes condizem com a Proposta de Educação

¹⁹ DALMAGRO, Sandra. **Educação Física nas escolas do MST: qual é o seu papel pedagógico.** IN: Caderno de Debates/ EXNEEF, vol 5, Julho/1997.

do Movimento, assim a contradição que visualizamos não se apresenta na proposta mas sim na prática, ou seja como a Educação Física vem sendo desenvolvida nessas escolas.

Mas quais são as possibilidades que apontamos para a superação dessas contradições?

Primeiramente, é importante colocar que estas ponderações não surgiram do nada, mas foram construídas a partir da análise dos documentos produzidos, tanto pelo MST, como pela área da Educação Física e principalmente a partir da vivência do Projeto Educação Física e Movimentos Sociais: Uma intervenção da Educação Física e nossas observações realizadas na escola Margarida Alves. Neste sentido pontuamos algumas possibilidades para superar tal contradição.

Não precisamos, inventar a roda, isto significa dizer que a Proposta de Educação do MST em muitos sentidos, principalmente quando prioriza a formação humana nos fornece várias pistas de como a Educação Física precisa ser trabalhada neste contexto, ou seja, não é necessário inventar uma proposta de Educação Física para o MST, e sim, aproximar os estudos produzidos na Educação Física que apontem para a mesma direção que a Proposta de Educação do MS, principalmente na discussão de Projeto Histórico e calcado na defesa da classe trabalhadora.

Contudo, não estamos dizendo que a Educação Física é essencial para o Movimento pois nela está a possibilidade de mudar o mundo.

Neste sentido, entendemos que a Educação de maneira geral (onde a educação física deve estar inserida) é uma das esferas importantes para promover mudanças estruturais no país, mas é impossível modificar as relações presentes na escola, sem que a estrutura do sistema capitalista seja transformada.

Assim entendemos que se faz necessário construirmos diretrizes para a Educação Física no MST, a partir dos princípios que norteiam sua proposta de Educação. Como o movimento mesmo nos alerta que a proposta do MST não é amplamente difundida em todas as escolas dos assentamentos por inúmeros fatores.

Entretanto, a escola Margarida Alves, a qual realizamos o estudo, encontramos muitos aspectos presentes na proposta de Educação do MST, e um dos principais motivos para que isso aconteça é que todas as professoras da escolas, participaram da construção do acampamento, posteriormente do

assentamento, coadunando com os princípios do Movimento, além de participarem do Coletivo Estadual de Educação do MST, priorizam a participação em espaços de formação promovidos pelo Movimento.

Colocamos, neste sentido que é importante um trabalho de conscientização dos professores em relação a Proposta de Educação do Movimento bem como, a identificação dos professores(as) com a luta pela Reforma Agrária e a construção da sociedade pautada nos valores socialistas e humanistas, aspectos também assumidos como relevantes pelo MST.

Além disso é importante reivindicar condições materiais que influenciam diretamente o desenvolvimento da Educação: a falta de material, estrutura, salário dignos, e esta condição se agrava quando falamos a respeito da realidade da escola do campo.

Neste contexto, a Educação Física precisa repensar suas práticas, para tal é essencial conhecer a situação do campo, para que as contradições presentes nesta realidade (transgênicos, agrotóxicos, plantação, falta de acesso as novas tecnologias, entre outros), possam ser problematizados, também neste espaço pedagógico. Nesta maneira a Educação Física poderia estar se inserindo na Proposta de Educação do MST, trabalhando articulada com as demais disciplinas, a partir do tema gerador, contribuindo assim para a formação humana defendida pelo Movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENHART, Deise, et al. **A prática de ensino de Educação Física nas escolas de Assentamento do MST**. IN: Anais do I Pré Conbrace Sul/ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Pato Branco, PR: 2003.

AUED, Bernadete W; Fiod, Edna Garcia Maciel. **Origens dos movimentos rurais em Santa Catarina (ou ampliação do trabalho, mas não do assalariamento)**. IN: Vendramini, Célia Regina (org). Educação em Movimento na luta pela Terra. NUP/CED, Florianópolis, 2002.

AVILA, Astrid Baecker, et al. **Movimentos Sociais, Educação Física e Formação Profissional: uma experiência do Programa Licenciatura UFPR**. IN: Anais XIII Conbrace. Caxambu, 2003.

BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. IN: Caderno de Educação nº 34. São Paulo, 2000.

CALDART, Roseli. **Educação em Movimento. Formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes 1997.

CASAGRANDE, Nair. **O Processo de trabalho pedagógico no MST: contradições e superações no campo da cultura corporal**. 220 f. Dissertação (mestrado em Serviço Social)- Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pernambuco(UFPE), Recife, 2001.

CASAGRANDE, Nair & FERREIRA, Cristiane Russo. **O processo de Trabalho pedagógico da Educação Física no Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra(MST)- Em Busca da formação humana a partir da perspectiva crítico superadora**.

CHAGAS, Clemair das; BERTÉ, Elis Regina; SANTOS, Luiza Norte dos. **Projeto de Pesquisa: Escola Municipal Rural Margarida Alves**. Inácio Martins-Pr, 1999. Mimeog.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo. Cortez, 1993.

DIEZ, Carmen Lucia Fornari & HORN, Geraldo Balduino. **A construção do texto acadêmico. Manual para elaboração de projetos e monografias**. Curitiba, Livro da areia, 2002.

ESCOBAR, Micheli Ortega. **A produção do conhecimento em Educação Física e o materialismo histórico dialético como método**. Salvador, 2002. Mimeografado.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Projeto de Pesquisa: caminhos, procedimentos e armadilhas**. LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo(org) IN: **Desafios da Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, CERU, 2001.

JANATA, Natacha. **Educação Física inserida no contexto educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 40 f. Monografia (Educação Física), Universidade Federal do Paraná(UFPR), Curitiba, 1999.

LAZZAROTTI, Ari Filho & RODRIGUES, Carlos E. F. Q. **A Educação física e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. IN: **Anais XIII Conbrace**. Caxambu, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**_7 ed_ São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro, 1996.

MORISSAWA, Mitsue. **A história de luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST(Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). **Como fazer a escola que queremos: o planejamento**. IN: **Caderno de Formação n° 06**, Porto Alegre, 1995.

_____. **Jogos e brincadeiras infantis**. IN: **Caderno de Educação n° 7**, São Paulo, 1996.

_____. **Princípios da educação no MST**. IN: **Cadernos de Educação n° 8, 3°ed**, São Paulo, 1999 a.

_____. **O que queremos com as escolas dos assentamentos**. IN: **Caderno de Formação n° 18, 3° ed**, São Paulo, 1999 b.

_____. **Crianças em Movimento- As mobilizações infantis no MST- Fazendo escola**. Porto Alegre, 1999 c.

_____. **Os Parques Infantis nas escolas do Campo**. IN: **Cadernos Educação e Desenvolvimento, n° 2**, 2002.

_____. **Como fazemos a escola de Educação Fundamental**. IN: **Cadernos de Educação.n°** , 1999 d.

_____. **Construindo o Caminho**. São Paulo, 2001.

_____. Disponível em: www.mst.org.br/setores/educacao.html. Disponível em: 10/06/2003.

SOUZA JUNIOR, Marcílio. **O saber e o fazer pedagógicos: a Educação Física como componente curricular___? Isso é história**. EDUPE_ Recife_ 1999.

UFPR, (Universidade Federal do Paraná), Sistemas de Bibliotecas. **Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos.** Universidade Federal do Paraná, Sistemas de Bibliotecas- Curitiba, Ed. da UFPR, 2000.

Documentos da escola, sem referência:

Celebração da Vida (documento do assentamento produzido para festa de comemoração de 15 anos do mesmo); Inácio Martins- Pr, 2003. (Mimeografado)

História da escola e do assentamento. (Mimeografado)